



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PORNOGRAFIA FEMINISTA E PORNOGRAFIA MAINSTREAM: CONFRONTAÇÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE, FEMINISMO E CORPOS.

Aryani Ferreira Batista. *Universidade Federal de Goiás*, (aryani_ferreira@yahoo.com.br).

Carlos Eduardo Henning. *Professor Adjunto de Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás* (carlooseduardohenning@gmail.com).

Resumo

Este trabalho consiste em uma análise da produção de filmes pornográficos produzidos por mulheres, que têm o público feminino como seu alvo principal. Compreendendo o complexo tema da pornografia, que carrega uma série de estigmas, porém contemporaneamente vem sendo discutido nos debates feministas nas ciências sociais, bem como na mídia. Antropologicamente, discuto o que de diferente esses filmes trazem, ou seja, que impacto na indústria da pornografia a inserção das mulheres trouxe para o mercado de entretenimento adulto, a partir de uma problematização sobre gênero, sexualidade e corpo. Questionando se participação de mulheres na direção e na produção filmes pornô constitui uma transgressão, tendo em vista que os filmes pornográficos tradicionalmente sempre foram pensados para o consumo masculino. As mulheres, ao assumirem a posição de produtoras, nos levam pensar nas possibilidades de interpretação desses produtos. Faço a análise das disputas em torno das formas de se produzir no campo da pornografia (pornô feminista, pornô feminino, mainstream). Buscando compreender os discursos teóricos entre “pró” e “anti-pornografia”, que nos anos 1970 mobilizaram boa parte das discussões entre acadêmicas feministas, que estão hoje recolocados por diretoras de filmes pornográficos feministas. O estudo foi desenvolvido com base na metodologia qualitativa, com a coleta de materiais em sites construindo uma etnografia na internet (de notícias, revistas, blogs, páginas pessoais de diretoras) e principalmente da análise de trailer e filmes. Tais materiais me permitiram dialogar com teorias acerca de gênero, sexualidade, consumo e relações de poder a partir de um olhar antropológico sobre o tema.

Palavras chave: gênero, sexualidade, filmes pornográficos, feminismo.

Introdução

A pornografia é carregada de estigmas e tabus. Ao mesmo tempo em que se desenvolve um sentimento social de asco ou aversão em torno dela, consegue despertar o erotismo e a curiosidade, além de que contemporaneamente vem sendo estudada pelas Ciências Sociais. No século XX, por volta da década de 1970, debates inspirados pelo feminismo em torno dos efeitos da pornografia estiveram em alta, dividindo dois grupos de teóricas feministas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estadunidenses: as chamadas “pró-sex” e as denominadas “anti-pornografia” (GREGORI, 2003).

Elas escreveram sobre a pornografia, principalmente a partir de filmes, discutindo as relações de poder, sexuais e de gênero, presentes neles e seus possíveis efeitos na vida social.

Esse debate veio persistindo em maior ou menor intensidade, tendo muita visibilidade novamente no século XXI, a partir de outros discursos e usos, inserindo-se a problemática de mulheres que entraram no mercado da pornografia não mais apenas enquanto atrizes, mas como diretoras, roteiristas, fotógrafas, donas de produtoras, ou seja, ocupando os mais diversos cargos dentro da hierarquia da indústria pornô, que antes eram ocupados apenas por homens. Nesse sentido, vale a pena iniciar pensando nas novas formas de agenciamento e autonomia das mulheres que atuam nesse campo, ao indagarmos sobre sua profissionalização no mundo pornô.

Na produção de pornografia feita por mulheres, encontramos diretoras que produzem filmes pornográficos voltados para o prazer e consumo “feminino”. Elas alegam que criam filmes com a intenção de que as espectadoras se identifiquem com as atrizes e com a película como um todo, incluindo o enredo e o roteiro. Também é interessante notar que muitas se consideram feministas “pro-sex”, afirmando a missão de fazer com que as mulheres explorem sua sexualidade e passem a se libertar de amarras sociais, utilizando de produtos eróticos e pornográficos voltados para elas, como os homens tradicionalmente têm feito. Sendo a pornografia um campo tradicionalmente masculino, a presença de mulheres atuando em sua produção e direção leva a indagar sobre os efeitos dessa novidade no que tange aos significados de gênero a partir do campo pornográfico.

Quando falo em sexualidade, aludo aos ensinamentos de Michel Foucault (1977), para quem ela deve ser tomada como um dispositivo histórico,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Uma rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (Ibid.: p. 100).

Nesse sentido, é possível afirmar que a noção contemporânea de se tomar a sexualidade como uma instância definidora de nós enquanto sujeitos sociais é um produto histórico, social e cultural.

Deve-se admitir, portanto, três ou quatro teses contrárias à pressuposta pelo tema de uma sexualidade reprimida pelas formas modernas de sociedade: a sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder; esteve em expansão crescente a partir do século XVII; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder (ibid.: p. 101-102).

Assim, a sexualidade é aqui tomada como um marcador social de diferença, produzido discursivamente e, portanto, cultural. Assim como o gênero, que considero nesse trabalho como uma categoria analítica, à luz das ideias de Joan Scott (1995). Assim, seguindo a autora, 1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e 2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (Ibid.: p. 86).

Empreendi uma análise dos discursos dessas diretoras/produtoras de pornografia, observando a presença significativa de discursos de que são produtos “libertadores da sexualidade feminina” e empoderadores das mulheres. E nesse campo, vale observar, existe uma disputa entre as diretoras/produtoras, que muitas vezes questionam quais delas estariam cumprindo a “missão feminista” de produzir um pornô de mulheres para mulheres, e quais apenas utilizam do discurso da “pornografia feminina” para ter visibilidade e, de certo modo, lucrar mais desse mercado tão concorrido.

Algumas notas sobre a pornografia

O senso comum costuma diferenciar a pornografia do erotismo, atribuindo à primeira características negativas em relação ao segundo, como quando se pensa a pornografia como



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um tema “menor”, “chulo”, “vil” e voltado às massas, enquanto ao erotismo se imputa muitas vezes a noção de que é algo intelectualmente relevante e interessante (GREGORI, 2011:55).

Definir o que é pornografia depende, de todo modo, do contexto, dos usos e de relações de poder envolvidas na discussão, pois uma mesma imagem pode transitar do artístico para o pornográfico, dependendo das falas (e suas intencionalidades) a respeito dela. De acordo com Maria Filomena Gregori, podemos conceituar a pornografia a partir das ideias de *experts* dedicados a definir esses materiais como “expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais” (GREGORI, 2003: 94).

Nesse sentido, pornografia e erotismo se aproximam. A pornografia constitui, atualmente, um lucrativo mercado com múltiplos produtos, como filmes, revistas, livros, músicas, esculturas, objetos utilitários, roupas, programas de TV (aberta, a cabo ou *pay-per-view*), empresas de *disk-sexo*, sítios da internet, salas de bate-papo etc. (Leite Jr., 2011:101). A pornografia em forma de películas é categorizada de várias maneiras. Dentre essas, estão os filmes que seriam mais “comuns”, chamados de “mainstream”, e as películas menos convencionais, tidas muitas vezes como “bizarras”. Essas categorizações, que são também fluidas e circunstanciais, são dadas pelo mercado de pornografia. E dentro da chamada pornografia alternativa estaria a “feminina”.

A pornografia não é um tipo de obra cultural específica, mas, antes de tudo, uma forma de ordenação conceitual. A classificação “pornografia” é uma maneira de organizar e selecionar produções culturais, no caso, relacionadas às representações da sexualidade. Sendo assim, ela é indissociável das ideias e do momento histórico que a conformaram e que ainda hoje a organizam (Jorge Leite Jr., 2011:101).

No circuito mainstream, as categorias mais comuns são a heterossexual, anal, extremo ou hardcore, ménage feminino e masculino, gang bang, amador, soft pornô ou romântico.

Na categoria do sexo bizarro, encontramos as práticas tidas como proibidas ou ilegais, tais como zoofilia (sexo com animais), cronoinversão (jovens praticando sexo com pessoas bem idosas), e as aquelas tidas como não convencionais, como sexo com travestis, anões, práticas que não consistem em penetrações como chuva dourada (erotismo com urina) e chuva



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

marrom (erotismo com as fezes), bem como o banho romano (erotismo com o vômito) (Díaz-Benítez, 2012). Algumas práticas transitam entre o mainstream e o bizarro, como os filmes que contém sexo gay, lésbico, sadomasoquismo, fetiche, fantasias. Essa mistura é explicitada por Díaz-Benitez em seu trabalho sobre sexo bizarro. Como afirma a autora, "embora bizarro e fetiche não sejam palavras sinônimas, em alguns momentos seus significados podem entrecruzar-se ou mesmo confundir-se na indústria pornô." (DÍAZ-BENÍTEZ, 2012:245).

Circuito mainstream pornográfico e soft porn

Dentro da chamada pornografia maistream, encontramos várias categorias, bem como uma espécie de roteiro que é a formula mais consagrada de se vender os filmes pornográficos com êxito. Ele basicamente se resume em casal heterossexual praticando sexo oral, penetração vaginal e anal.

Os filmes mainstream são muito criticados por algumas das diretoras de filmes pornô "femininos" por se tratar de uma mera "mercadoria", feita e pensada por homens para homens, onde a mulher estaria colocada como um objeto com a finalidade de servir ao homem no ato sexual, desempenhado atos de humilhação percebidos muitas vezes como uma forma de violação, que é explicitada nos filmes onde as atrizes interpretam mulheres obrigadas a praticar sexo de uma forma violenta.

Pensando em tais críticas, surgiu a categoria soft porn ou romântico, que se aproxima dos filmes que vem sendo chamados de "pornográficos femininos" sobre alguns aspectos de roteiro e desempenho nas cenas, mas não são feitos com um discurso pretensamente político, que está, a meu ver, mais presente no pornô "feminino".

O soft porn é a categoria maistream que é diferenciada no circuito como filmes para se assistir com a esposa/namorada, muitas vezes sendo encontrado nos sites de filmes pornô com as seguintes denominações "namorada, esposa, com carinho, lindo, adorável", entre outras palavras que sejam sinônimos de vínculo afetivo e sexo "tranquilo", como evoca a palavra "soft", em contraposição às demais categorias que dentro do circuito da pornografia são



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

filmes, a princípio, para o homem assistir sozinho para agradar a si próprio e aos seus desejos e fantasias sexuais, sendo os mais famosos denominados “hard”. “A maior parte dos pornô é realmente destinada aos homens. Mas também fazemos filmes para casais, um pouco mais leves, sem cenas de sexo anal”, diz Leandro Moran, da Sexxy World, produtora paulista de filmes pornô.

Nesse sentido, é possível seguir as pistas de alguns estudos a respeito do consumo de bens nas sociedades contemporâneas, que indicam que, mais do que constituírem uma resposta às demandas já “prontas e acabadas” de seus potenciais clientes, as estratégias do mercado operam, simbolicamente, fazendo circular e ajudando a produzir um repertório cultural que constitui tais demandas (Fry, 2002; França, 2012). O soft porn surge dentro deste contexto sendo um filme diferenciado das demais categorias mainstream, tendo como diferencial o ambiente em que seus filmes são gravados, em sua maioria iluminados, limpos, quartos que se aproximam ao de uma casa ao invés de motel, casais jovens e bonitos, magros, em sua maioria brancos.

Nas cenas dos filmes pornográficos da categoria soft, os atores e atrizes aparentam uma cumplicidade e romantismo, com muito beijo na boca, e o sexo ocorre de uma forma tranquila, sendo o sexo oral suave, com penetrações vaginais mais delicadas no início da cena, que vai ganhando ritmo gradativamente. No soft porn, o sexo anal raramente aparece, mas quando esse surge vem em uma configuração estrutural do filme completamente diferente dos demais filmes mainstream, pois aqui a mulher recebe muitos estímulos para realizar esse ato e o homem se coloca no papel de sedutor para consumir o ato, e sempre é seguida certa sequência: Beijo na boca, preliminares em geral (carícias), sexo oral, masturbação anal, penetração vaginal e por último e com muita delicadeza (quando ele ocorre) o sexo anal. Há um certo roteiro, então, dentre as práticas sexuais trazidas no soft porn, que costuma se repetir. O ménage aparece em forma de feminino (duas mulheres) e muito raramente o masculino, mas esse tem a dupla penetração abolida.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O pornô “feminista”

Dentro dos debates em torno da pornografia e de seus possíveis efeitos na reprodução de estereótipos de gênero e sexuais, as feministas pro-sex pensam-na como uma transgressão e uma possibilidade de libertar as fantasias sexuais e trazer para o público a sexualidade em suas variadas peculiaridades, pois dentro da pornografia, apesar de existir a perpetuação de padrões de beleza e de “dominação” entre gêneros, também se pode encontrar diversas sexualidades sendo abordadas e práticas sexuais marginais, como sadomasoquismo, sexo anal, bissexualidade, etc.. Um consenso entre as duas vertentes (pro-sex e anti-pornografia) parece ser não concordar com determinadas práticas que envolvam o sexo forçado, tidas como aquelas que as mulheres experimentam de forma negativa e humilhante.

Dentro desse debate, algumas diretoras de filmes pornográficos estão se denominando com feministas pro-sex, com a missão de promover a interação entre mulheres e pornografia de uma forma saudável, com filmes voltados para seus desejos, fantasias e curiosidade, para que as mulheres possam experimentar o filme pornográfico como algo positivo e que acrescente algo na sua experimentação sexual.

É possível apontar certa normatização do erotismo politicamente correto (GREGORI, 2003) e aceitável dentro da pornografia “feminista” ou “feminina”. Desse modo, o rótulo “pornô feminino” ou “feminista” é ambivalente e pode ser acionado, por determinados sujeitos e em contextos variados, seja com a intenção de promover e/ou apontar para as mudanças advindas da maior participação das mulheres nesse mercado em posições hierarquicamente superior, seja com a intenção de acusar aquelas que lançam mão desse rótulo, supostamente, apenas para “lucrar”

Histórico das principais diretoras/produtoras



Candida Royalle nasceu em 15 de outubro de 1950 e trabalhou como atriz pornográfica na década de setenta, tendo sido considerada como ótima para aquela época. Hoje é a dona da produtora FEMME productions, que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

surgiu em 1984 com a intenção de produzir filmes pornográficos para mulheres e uso para casais, em que os dois pudessem compartilhar tais materiais de uma forma “saudável”. É a pioneira dos filmes pornográficos para mulheres e se define como feminista



Erika Lust nasceu em 1977 na Suécia é uma das diretoras do “pornô feminino” mais conhecidas. Fez muito sucesso com o premiado Cinco Histórias para Elas. Formou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Lund. Para ela, a pornografia é um campo de prazer, erotismo e aprendizagem. Afirma que o pornô que produz se contrapõe à indústria mainstream e que os seus filmes são uma alternativa.



Petra Joy de origem alemã, radicada no Reino Unido, abandonou 20 anos de carreira nos bastidores de televisão para produzir seus filmes eróticos. Em seu site pessoal, ela se denomina como uma diretora produtora feminista Strawberry Seductress que procura fazer um trabalho artístico pornográfico



Anna Span seu nome é Anna Arrowsmith, nasceu em 1972 no Condado de Kent, na Inglaterra. Formada em Belas Artes (cinema e vídeo) escreveu a obra para uma nova pornografia, pois considerava uma parte do mercado pornô que não era muito explorada. Também retrata a pornografia com o olhar que diz ser “hardcore, mas feminino”. Anna é considerada transgressora e é muito criticada por feministas e pelas demais diretoras do circuito do pornô feminino, pois em seus filmes se encontram muitas cenas de sexo anal, ejaculação no rosto, dupla penetração pornografia feminista.

Metodologia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O estudo está sendo desenvolvido com base em metodologia qualitativa. Segundo Lankshear e Knobel (2008, p. 35), a pesquisa qualitativa supõe que para entender o mundo precisamos nos concentrar nos contextos, o que envolve prestar atenção à história, à linguagem, à temática, aos participantes de um evento em especial, e assim por diante.

Primeiramente como minha pesquisa está em fase inicial, estou coletando materiais em sites da internet (de notícias, revistas, blogs, páginas pessoais de diretoras) e análise de trailer e filmes e trabalhando com dados já coletados durante a minha monografia na qual iniciei os meus estudos sobre essa temática da produção de pornografia por mulheres. A partir desse material, e dos trabalhos antropológicos acerca das temáticas de gênero, sexualidade e feminismo estou procurando interpretar e comparar os filmes da indústria mainstream, com os filmes pornográficos feministas, analisando quais as perspectivas das produtoras e os sentidos de feminilidade que ajudam a produzir a partir desse novo segmento pornô. Tais materiais me permitirão dialogar com teorias acerca de gênero, sexualidade, racismo, corporalidade, consumo, relações de poder, legalidade e consentimento a partir de um olhar antropológico sobre o tema.

Colocando em foco os novos usos e discursos acerca dos filmes pornográficos, a partir da perspectiva feminina (na produção e consumo), que vem crescendo e tendo visibilidade. Investigar a mudança em curso no mercado pornô, que não é mais exclusivamente masculino, com as velhas formas de se produzir e vender filmes, o que cada vez mais gera discussões acerca dos sentidos de feminino e feminilidade possíveis a partir dessas produções.

Resultados

No que diz respeito a cenário e enredo existe muita variação entre as cenas. Os filmes produzidos por mulheres têm cenários muito elaborados. A preocupação com a iluminação, o tratamento das imagens, o áudio, efeitos de luzes, fotografias, diálogos sempre estão presentes nesses filmes. Outra preocupação das diretoras é com a questão da saúde: em seus filmes



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

existem cenas de sexo sem o uso de preservativo muitas das vezes, mas elas alegam que estão cumprindo o protocolo de segurança para a produção de pornografia.

Elas alegam que em seus filmes não forçam os atores e atrizes a fazerem nenhuma cena que não se sintam bem, inclusive deixam claro em seus discursos em suas páginas pessoais de trabalho ou em entrevistas. Afirmam que gostam e estimulam que os protagonistas dos filmes tenham uma interação real, de prazer, pois para elas a finalidade da pornografia é essa. “Não é como no pornô para homem, que sempre precisa ter anal. Aconteceu em um dos meus filmes porque o casal se sentia à vontade em cena. Gang bang também tem que ter um contexto. A mulher não é mais usada e abusada”, afirmou Candida Royalle em matéria sobre mulheres que fazem pornô “feminista” no site IG, no dia 01/11/2013.

Os atores escolhidos para fazer parte desse tipo de película pornô, segundo as diretoras, têm o diferencial de serem homens bonitos, com corpos atraentes. Na minha breve etnografia nos sites e filmes observa-se que estes homens são em sua maioria brancos, com músculos definidos, mas não com exagero, com idade entre 25 a 40 anos. Atores negros raramente aparecem nesses filmes. Os filmes tem muita variedade de figurino, na maioria das vezes estereotipicamente ressaltando a uma masculinidade viril, ou um fetichismo.

As atrizes em geral são brancas, magras, com idades entre 25 e cerca de 50 anos. Sendo assim, não são comparadas a super modelos ou estrelas do pornô, que na maioria dos filmes trazem características como uma maquiagem muito forte, silicones muito acentuados, corpos magros, malhados, com pele bronzeada, cabelos compridos, entres outros artifícios de edição de imagem para disfarçar cicatrizes, celulites estrias, ou uso de artifícios de beleza como unhas postiças, aplique nos cabelos para que estes fiquem bem compridos ou mais volumosos.

As atrizes dos filmes “femininos” ou “feministas”, apesar de não terem nada de discrepante dos padrões de beleza pré-estabelecidos, não se utilizam tanto destes artifícios de beleza, parecendo mais próximas do “natural”, mas de uma maneira “controlada”: não são obesas, nem seus corpos apresentam muitas estrias ou celulites.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, é interessante pontuar que a seleção dos atores e das atrizes que compõem o universo de filmes pornô produzidos por mulheres não escapa do aparato de inteligibilidade cultural presente na indústria “maistream”. Os corpos são selecionados a partir de convenções culturais hegemônicas quanto ao gênero, à raça/cor, à gramática corporal e, também, à sexualidade, aproximando-se das categorizações presentes no chamado “soft porn”.

Considerações finais

É possível apontar, nesse sentido, tanto para as ambivalências em torno da transgressão e reafirmação de convenções de gênero que esses produtos acionam; quanto para a ambivalência em torno da identificação com a ideia de um “pornô feminino” ou “feminista”: se remete à politização desse campo e abertura para um olhar crítico em relação a alguns de seus aspectos, muitas vezes considerados misóginos, parece estar operando, também, como uma categoria de acusação entre as próprias produtoras, já que essa identificação enquanto “pornô feminista” ou “para mulheres” serve à produção de um âmbito conflito, dissidência e estigmatização nesse campo, tornando-se por vezes uma categoria de acusação. Nos filmes aqui analisados, além disso, parece haver a reprodução do que Maria Elvira Diaz-Benítez denomina de “hipergênero”, que implica na corporificação de uma masculinidade extrema e uma feminilidade extrema, centrada na heterossexualidade hegemônica. No caso dos filmes “femininos”, contudo, esses elementos simbólicos parecem se traduzir em possibilidades de experimentação e inclusão de novas modalidades, focos e enredos diferenciados. Assim, a inserção das mulheres no âmbito da produção dos filmes pornográficos “femininos” parece aludir tanto à potencial transgressão de algumas das normas da indústria pornográfica, quanto à reprodução de convenções de gênero e de sexualidade, à luz de uma teorização antropológica preliminar em torno desses marcadores sociais de diferença.

Referências Bibliográficas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira Diaz. *Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro*. PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro: 2009.

_____. Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro. *Cad. Pagu* (38) Campinas jan./jun. 2012.

GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero. Uma etnografia dos *sex shops* de São Paulo. *Cadernos Pagu* (38), janeiro-junho de 2012: 53-97.

_____. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*; Dossiê erotismo (20), fevereiro 2003.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Campinas. 2010. Tese de Doutorado. São Paulo.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade – vol. 1 – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

LEITE JR, Jorge. Labirintos conceituais científicos, Nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu* (38), janeiro-junho de 2012:99-128.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *Pesquisa pedagógica: do projeto a Implementação*. Porto Alegre: Artmed. 2008. 328 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

Sites:

Site pessoal <http://www.annaspansdiary.com/> Acesso em 14 de dezembro de 2014.

Site pessoal <http://www.erikalust.com/> Acesso em 14 de dezembro de 2014.

Site pessoal <http://www.petrajoy.com/> Acesso em 14 de dezembro de 2014.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Site pessoal <http://candidaroyalle.com/> Acesso em 27 de fevereiro de 2013.